



Somaly Mam resgatou centenas de crianças cambojanas dos horrores da prostituição infantil.

LIVRAI-AS DE TODO O MAL

Depois de uma infância de crueldade e degradação, esta mulher extraordinária salva crianças do mesmo destino terrível

POR ROBERT KIENER

Na enfermaria arruinada de um hospital em Phnom Penh, no Camboja, Somaly Mam, mulher de compleição franzina e olhos castanhos, se curva sobre o leito de uma criança. Ali está deitada uma menina de 5 anos, toda enfaixada, que segura com força um ursinho de pelúcia e fita em silêncio o teto manchado e descascado. O seu nome é Sreytouch.*

Quando vê Somaly, os braços se apertam em torno do ursinho, como se temesse que fossem tomá-lo dela. Dois dias antes, a polícia resgatara a menina num bordel, depois que a mãe a vendeu ao proprietário.

Somaly vê o olhar sem expressão da menina e sabe o que tem de fazer. Pega no colo a criança, que se mostra mole e sem reação, e a abraça.

Engolindo as lágrimas, nina Sreytouch como se fosse um bebê, e diz baixinho, muitas e muitas vezes: “Amo você, Sreytouch.” Ela sabe, com toda a certeza, que é disso que a menina precisa. Sabe porque já foi uma criança calada e agredida.

Somaly não conheceu os pais. Eles sumiram quando tinha 4 ou 5 anos, em meados da década de 1970, época em que o tirano Pol Pot e o Khmer Ver-

melho aterrorizaram o Camboja, expulsando milhares de moradores das cidades para irem arar os campos e chacinando milhares de inocentes. Somaly cresceu como órfã na aldeia minúscula de Bou Sra, nas florestas distantes da província de Mondulkiri, leste do país. Os aldeões moravam em cabanas de palha e bambu, mas Somaly, que na época era chamada de Non, ou “Pequena”, costumava dormir sozinha, numa rede na floresta. Comia o que encontrava e dependia da generosidade dos aldeões para sobreviver.

Certo dia, um velho da aldeia chamou Somaly até a sua cabana de bambu e lhe apresentou um visitante. “Ele conheceu o seu pai, Pequena”, disse. “Vai levar você para conhecer a família dele.”

Somaly ergueu os olhos para o homem e sorriu. Pela primeira vez na vida, alguém tomaria conta dela. “Chame-o de ‘Vovô’”, disse-lhe o velho.

Os dois passaram dias caminhando pela floresta até chegarem a uma estrada onde várias pessoas subiam num caminhão de lenha. Somaly ficou apavorada; nunca tinha visto nada tão grande e ameaçador. Tentou fugir, mas Vovô a agarrou, deu-lhe um bofetão que a fez cair e a arrastou com ele para o caminhão. Ela apertou a mão no

“VOVÔ” A LEVOU PARA SUA ALDEIA, ONDE A OBRIGOU A LIMPAR A CABANA E A COZINHAR PARA ELE.



O Prédio Branco, em Phnom Penh, famoso bordel onde muitas meninas passam a ser vítimas.

rosto que sangrava. Era a primeira vez que apanhava.

Vovô a levou para uma aldeia perto da fronteira do Vietnã, onde a obrigava a limpar a cabana, lavar roupa e cozinhar para ele. Vivia bêbado e batia nela com uma vara de bambu. Os aldeões zombavam de Somaly por causa de sua pele mais escura. “Quanto mais escuros, mais burros são”, diziam.

Finalmente, para pagar dívidas, Vovô vendeu Somaly a um dono de bordel

em Phnom Penh. Ela estava com 16 anos. Disseram-lhe: “Faça o que os fregueses mandarem, senão vai apanhar.”

Quando o primeiro freguês mandou que se despisse, Somaly se recusou. Os donos do bordel decidiram que ela precisava ser “domada” e a puseram no “quarto do castigo”, um porão sem janelas. Amarraram-na numa cadeira e despejaram sobre ela cobras que estavam numa caixa. A porta bateu e ela ficou gritando no escuro, com as co-

bras deslizando pelo corpo. No dia seguinte, quando a tiraram de lá, tinha perdido a vontade de resistir.

Com o passar dos anos, Somaly foi usada por milhares de homens. Às vezes, um freguês a levava a um quarto onde havia até 20 homens esperando. Assim como as outras moças, era obrigada a usar maquiagem branca, para deixar a pele escura mais atraente para os fregueses e esconder os hematomas. Sempre que resistiam, as meninas eram levadas para o quarto do castigo, surradas ou torturadas com choques elétricos, com fios ligados numa bateria. A fuga era impossível; não havia lugar seguro para onde fugir, e os cafetões e donos de bordel perseguiram-nas.

Certo dia, Somaly e uma dezena de outras adolescentes dormiam em esteiras quando Li, marido da dona do bordel, entrou no quarto, gritando: “Cadê ela?” Brandia uma pistola na mão direita e cheirava a vinho. Uma das meninas novas do bordel, de 15 anos, magra e alta, chamada Sreyoun,* fora pega quando tentava escapar.

Enquanto Somaly olhava, paralisada de horror, o homem agarrou Sreyoun, amarrou-lhe os braços atrás das costas e apertou o cano da arma na cabeça da moça. Ela viu os dedos de Li branquearem quando ele apertou o gatilho. Houve uma explosão e Sreyoun caiu no chão, sem vida. Li atirou nela mais duas vezes. Somaly viu Li e os guardas enfiarem o corpo da menina num saco de arroz. Quando Li saiu cambaleando do quarto, Somaly jurou a si mesma: *Um dia voltarei para matá-lo!*

O tiro provocara em Somaly emoções havia muito sufocadas. Pela primeira vez em anos, sentiu uma confusa mistura de raiva e ódio por Li, e compaixão pelas companheiras.

Com mais idade, sua liberdade para sair do bordel aumentou. Conheceu estrangeiros, inclusive um que a levou para casa e lhe pagou aulas de francês. Outros estrangeiros a contratavam no bordel, como Pierre Legros, trabalhador humanitário francês que falava *khmer*. Ele de fato se preocupava com ela. Depois de vários encontros, a história da vida da moça veio à tona e ela revelou a Pierre o quanto desejava não ser mais prostituta. Contou-lhe sobre os estupro, as surras e as centenas de outras meninas que vira nos bordéis.

Ela chorou ao descrever a noite em que mataram Sreyoun. “Não quero que isso aconteça com outras meninas”, declarou, aos prantos. “Alguém tem de falar por elas”, afirmou, e se surpreendeu com as próprias palavras.

Aos 21 anos, considerada “menos valiosa” pelos donos do bordel, Somaly pôde ir morar com Pierre. O casal acabou abrindo um restaurante em Phnom Penh. Quando faliram, Pierre decidiu que já era hora de voltar à França; para que Somaly tirasse o visto, os dois se casaram em 1993.

Pierre e Somaly moraram um ano e meio na França. Durante meses, ele insistiu com ela para que tomasse as próprias decisões. A princípio, Somaly dizia “você está maluco, sou apenas uma mulher”, mas acabou aceitando. Arranjou emprego como arrumadeira

de um hotel em Nice e desenvolveu o amor-próprio.

Quando voltaram ao Camboja por causa do emprego de Pierre numa entidade de assistência médica, Somaly já era bem diferente da “pequena selvagem”, como muitos a chamavam, tímida e atrasada. Agora, casara-se com um *barang*, ou estrangeiro, e falava francês fluentemente.

Ainda tinha vontade de ajudar as meninas que deixara para trás, mas como conseguiria, sendo uma pessoa só? Começou procurando uma instituição de caridade local, que prestava assistência médica e distribuía preservativos e informações sobre Aids entre as prostitutas, e se ofereceu para ajudar. Sentia-se apavorada toda vez que entrava num bordel. Era comum ficar tão enjoada que tinha de sair correndo para vomitar. Em certa visita, conheceu uma menina que a fez lembrar-se vivamente de si própria quando criança. Tinha a mesma pele escura, os mesmos hematomas das surras. “Não me dê um preservativo”, implorou a menina. “Se quer me ajudar, me tire daqui.”

Somaly sabia o que precisava fazer. Encorajada pela raiva e ignorando os

cafetões da vigia, saiu com a menina e a levou para casa. Com o tempo, Somaly percebeu que outras meninas também ousariam ir embora se não tivessem de perambular pelas ruas sem um tostão, para serem caçadas por cafetões vingativos e torturadas ou mortas como advertência às outras. Com a promessa de um refúgio seguro, mais meninas começaram a escapular com Somaly para morar com ela e Pierre. Embora o marido lhe desse apoio, o salário dele não era suficiente para tanto. Mas não demorou para que, obtendo dinheiro com amigos e organizações de auxílio, ela conseguisse ajudar até algumas a fugirem para aldeias distantes dos donos dos bordéis e a aprender corte e costura para poderem levar uma vida independente.

Em 1996, um ano depois que ela e Pierre tiveram o primeiro dos três filhos, o casal fundou uma instituição de caridade oficial, chamada Afesip (sigla, em francês, para Ação pelas Mulheres em Situação de Angústia). Na última década, a Afesip resgatou, abrigou e educou mais de cinco mil crianças. Hoje, a entidade mantém três abrigos para mais de 200 meninas no Camboja e tem 106 funcionários.

**ENQUANTO SOMALY OLHAVA,
PARALISADA DE HORROR,
O HOMEM APERTOOU O CANO
DA ARMA NA CABEÇA
DE SREYOUÑ.**

Em 2007, depois de uma longa separação, Somaly e Pierre se divorciaram, e agora ela dirige sozinha a Afesip, trabalhando 20 horas por dia no resgate de meninas cambojanas presas na prostituição.

Numa favela de Phnom Penh, Somaly contorna pilhas de lixo para chegar ao “Prédio Branco”, famoso bordel da cidade. Cães reviram o lixo; há moscas por toda parte. Crianças brincam entre os montes, algumas nuas e descalças. Várias meninas e mulheres veem Somaly e, sorrindo, correm até ela:

– Nossa irmã – diz uma, pegando a mão de Somaly, que já está com 38 anos.

– Como vai? Tem alguém doente? – pergunta Somaly. E logo já está conversando com um grupo de 30 meninas e mulheres, todas prostitutas.

Uma menina emaciada, de camiseta imunda e sarongue, confia a Somaly que é forçada a se deitar com até 20 homens numa só noite. Enquanto escuta, os olhos de Somaly se enchem de lágrimas. Aos prantos, uma mulher mais velha se aproxima e diz que a filha de 16 anos desapareceu há alguns dias. Ela agarra a mão de Somaly e implora: “Por favor, me ajude...”

Enquanto Somaly conforta a mulher, prometendo falar com a polícia, um grupo de homens observa de cara feia. A vida de Somaly está constantemente sob ameaça. Em 2005, depois de ajudar a resgatar mais de 200 meninas, bandidos armados com fuzis AK-47 invadiram o abrigo, surraram funcionários e voltaram a sequestrar as meninas. Os cafetões já apontaram armas para a sua cabeça. Hoje, Somaly costuma viajar com guarda-costas e a sua casa é murada e guardada o tempo todo.

Às vezes, o perigo ataca perto. Em 2006, uma filha sua foi sequestrada por traficantes. Graças aos contatos de Somaly com a polícia, a menina foi resgatada em três dias. Para proteger os filhos, ela os mandou estudar na França. Quando lhe perguntam se teme pela vida, ela responde: “Como podem me matar, se já estou morta? Eles me mataram há muito tempo.”

Às vezes, parece que Somaly sobreviveu ilesa ao pesadelo da infância. Mas as cicatrizes são profundas. As noites são muito difíceis. Enquanto percorre as caóticas ruas de Phnom Penh, ela confessa que ainda tem pesadelos e raramente dorme mais do que três ou quatro horas seguidas. “Não consigo

**SOMALY SE SENTIA
APAVORADA TODA VEZ
QUE ENTRAVA NUM
BORDEL. TINHA NÁUSEAS.**

Uma luta global

“Por ter fugido, ela é inigualável, mas na verdade o que a torna extraordinária é ter voltado”, escreveu Angelina Jolie num perfil de Somaly Mam publicado na lista de 100 pessoas mais influentes de 2009 da *Time Magazine*. O mais notável é que a mulher que não tinha voz se transformou numa das críticas mais contundentes da prostituição infantil. Ela ganhou prêmios e elogios de líderes mundiais. Sua entidade cresceu e se tornou um dos abrigos mais bem-sucedidos da região para as meninas que fogem do comércio sexual. Recentemente, ela recebeu 1,4 milhão de dólares da Fundação Roland Berger, com sede em Munique, pelo trabalho contra o tráfico de crianças.

Joseph Mussomeli, ex-embaixador americano no Camboja, a descreve como



“verdadeira heroína e lutadora incansável pelas crianças”. Mas o desafio é enorme. Há mais de 100 mil prostitutas no Camboja, 40% delas com menos de 16 anos, de acordo com Mu Sochua, parlamentar cambojana e ex-ministra de Assuntos de Mulheres e Veteranos. Sexo com crianças é ilegal no Camboja, mas há muita corrupção e o comércio sexual não para de crescer. Como a maioria dos cambojanos ganha cerca de 500 dólares por ano, a tentação de vender as filhas é enorme. Somaly confia na generosidade de entidades, governos e indivíduos para obter anualmente o milhão de dólares necessário para manter e sustentar a sua organização. Para mais informações, visite o site de Somaly Mam: www.somaly.org.

A atriz e ativista Angelina Jolie chama Somaly de extraordinária.

tirar as meninas da cabeça”, diz. “São as minhas meninas, vítimas como eu.”

Também não superou o medo e a náusea que sente quando entra nos bordéis. “O cheiro traz lembranças que tentei esquecer”, revela.

Ao passar por um bordel que já foi famoso e hoje está fechado graças à pressão que ela fez, Somaly se lembra de uma menina a quem ajudou recentemente.

“Malis* tinha apenas 11 anos quando a tia a vendeu a um estrangeiro por mil dólares”, conta. A menina ficou uma semana presa no apartamento do homem, até que fugiu. “Ele achava que, fazendo sexo com uma virgem, ficaria mais forte. Isso acontece muito.” O incrível é que, muitas vezes, as meninas são costuradas, num procedimento chamado himenoplastia, e vendidas novamente como se fossem virgens.

ÀS VEZES, O PERIGO ATACA PERTO DE CASA. EM 2006, UMA FILHA SUA FOI SEQUESTRAADA.

Outra menina, Normana,* que só tem um olho, tinha apenas 13 anos quando foi sequestrada e vendida a um bordel. Negociada como virgem, foi costurada e vendida de novo. Engravidou duas vezes e foi obrigada a sofrer dois abortos. Mas o pior ainda estava por vir. Uma mulher a comprou para trabalhar como escrava. Irritada quando Normana pediu para descansar, a mulher pegou um pedaço de metal afiado e, como punição, lhe furou o olho direito.

Somaly Mam sabe que o seu trabalho nunca terá fim. Os traficantes ainda vão de aldeia em aldeia, atraindo meninas ingênuas com promessas de altos salários. No abrigo Siem Reap, da Afesip, a alguns quilômetros de Angkor Wat, ponto turístico visitado por milhares de pessoas todo ano, mora Sanbo. Quando tinha 18 anos, lhe disseram que poderia trabalhar como garçonne num restaurante de Phnom Penh para pagar uma dívida da família. Primeiro, foi vendida por 500 dólares a um cliente chinês que exigiu uma virgem. Ficou dois anos presa num bordel.

“Eles costumavam me surrar com fio elétrico”, diz ela, com voz tímida e hesitante. “Eu não tinha para onde ir. Se voltasse para a minha aldeia, passaria vergonha, porque havia sido prostituta. Não tinha a quem recorrer.” Hoje ela

trabalha como conselheira da equipe do abrigo da Afesip onde mora.

“Salvamos muitas, mas ainda há tantas meninas nos bordéis...”, lamenta Somaly.

Depois de chegar a um dos três abrigos da entidade, as meninas recebem tratamento médico e frequentam a escola pública enquanto aprendem uma profissão, como cabeleireira ou costureira. A entidade ajuda a “reintegrar” a menina à sociedade, arranjando-lhe emprego ou dando-lhe auxílio para abrir uma pequena empresa. Cerca de 80% das meninas nunca voltam para a prostituição.

Somaly Mam mudou a vida de milhares de meninas e moças. Malis, a menina de 11 anos que resgatou, é um exemplo das muitas a quem prestou ajuda. Hoje com 14 anos, de olhos vivos e sorriso fácil, Malis mora no abrigo da Afesip em Kampong Cham. Enquanto percorre o centro – uma área bem cuidada, cheia de mamoeiros e mangueiras, que abriga mais 38 meninas resgatadas –, ela revela ao visitante: “Tenho um sonho especial.” Para e senta-se num banco de concreto antes de continuar: “Quero ser jornalista. Quero escrever o que acontece aqui a garotas como eu.”



A Afesip, entidade de Somaly, resgatou, abrigou e educou mais de cinco mil crianças.

Malis tira do pulso um bracelete budista de macramê e o enfia na mão do visitante. “Tome, é seu”, diz, no inglês forte e claro que aprendeu no abrigo. “Obrigada por falar com alguém como eu.”

Informada da conversa com Malis, Somaly sorri ao dizer: “Não quero mudar o mundo. Só mudar o destino de uma menina, depois de outra, depois de mais outra...”

Em maio de 2008, ela foi a uma pequena aldeia no sudeste do Camboja para um evento especial. Uma das suas

meninas, que se formara no programa de treinamento profissional da Afesip, acabara de abrir uma confecção. Melhor ainda: ia se casar.

“É quase inacreditável”, espanta-se Somaly. “É raríssimo que uma ex-prostituta seja aceita de volta pela aldeia.”

Durante a festa, Somaly, a convidada de honra, brindou ao casal. Depois, olhou para o noivo e acrescentou: “É melhor você ser bom com a minha menina. Senão, volto aqui para pegá-lo!” Ela sorriu, mas não estava brincando.

CONTROLE-SE!

“Ansiedade é quem você acredita que deve ser. Tranquilidade é quem você é.”

Provérbio Chinês